

MONA OZOUF: FORMAÇÃO, TRAJETÓRIA INTELLECTUAL E NARRATIVA HISTÓRICA NO TEMPO PRESENTE¹

■ CAROLINE JAQUES CUBAS

 <https://orcid.org/0000-0001-5411-6824>

Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma trajetória intelectual da historiadora francesa Mona Ozouf, referência nos estudos acerca da Revolução Francesa e da Escola Republicana. Para tanto, recorreremos a análise de entrevistas, trabalhos historiográficos e de divulgação publicados pela historiadora em questão. Aspectos de infância, juventude e idade adulta são destacados como referências de atribuição de sentidos que não explicam, porém, pensados como experiência, complexificam seus recortes temáticos e abordagens. Alocados em um tempo específico, a saber, o tempo presente, elementos da singular contribuição historiográfica de Ozouf são apresentados, tendo por linha articuladora a formação escolar, a atuação política e produção intelectual da autora. As reflexões aqui presentes estão amparadas principalmente pelo debate acerca da escrita biográfica e pelo conceito de experiência, conforme desenhado por Heidegger e revisitado por Jorge Larrosa.

Palavras-chave: Mona Ozouf. Trajetória intelectual. Formação. Historiografia. Escola republicana.

ABSTRACT

MONA OZOUF: FORMATION, INTELLECTUAL TRAJECTORY AND HISTORICAL NARRATIVE IN THE PRESENT TIME

In this article we present an intellectual trajectory of the French historian Mona Ozouf, a reference in studies about the French Revolution and the Republican School. For that, we resorted to the analysis of interviews, historiographic and dissemination works published by the historian in question. Aspects of childhood, youth and adulthood are highlighted as references of attribution of meanings that

¹ A presente publicação vincula-se aos grupos de pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas e Linguagens e Representação, que contam com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc).

do not explain, however, thought of as experience, complexize their approaches regarding Republican Education, the French Revolution and, finally, a particular perception - and sometimes controversy - of feminism. Allocated in a specific time, namely, the present time, elements of Ozouf's unique historiographical contribution are presented, having as articulating line the school formation, political performance and intellectual production of the author. The reflections presented here are supported mainly by the debate about biographical writing and the concept of experience, as designed by Heidegger and revisited by Larrosa.

Keywords: Mona Ozouf. Intellectual trajectory. Formation. Historiography. Republican School.

RESUMEN

MONA OZOUF: FORMACIÓN, TRAYECTORIA INTELECTUAL Y RELATO HISTÓRICO EN LA ACTUALIDAD

Este artículo presenta la trayectoria intelectual de la historiadora francesa Mona Ozouf, referencia en los estudios sobre la Revolución Francesa y la Escuela Republicana. Para ello, se analizan entrevistas, trabajos historiográficos y publicaciones de la historiadora en cuestión. Se destacan aspectos de la infancia, la juventud y la edad adulta como referencias para asignar significados que no explican, pero que, pensados como experiencia, complejizan sus apartados temáticos y enfoques. Situados en un tiempo concreto, el presente, se presentan elementos de la singular aportación historiográfica de Ozouf, con la escolarización, la actividad política y la producción intelectual de la autora como línea articuladora. Las reflexiones aquí se apoyan principalmente en el debate sobre la escritura biográfica y el concepto de experiencia, esbozado por Heidegger y revisitado por Jorge Larrosa.

Palabras clave: Mona Ozouf. Trayectoria intelectual. Formación. Historiografía. Escuela republicana.

São inúmeros os motivos que incitam historiadores, pedagogos, filósofos, jornalistas, literatos e tantos outros a, no curso do tempo, acompanharem trajetórias e escreverem vidas. Em termos historiográficos, no Brasil, a escrita biográfica é praticada desde o século XIX sendo perpassada por diferentes intensidades e intencionalidades (Schmidt, 2013). Seja em

busca de exemplos inspiradores (*historia magistra vitae*), tal qual praticada no século XIX, seja com intenções de problematização narrativa, conforme observamos a partir da segunda metade do século XX, a biografia emerge como recurso privilegiado para reflexões acerca de um passado distante ou recente. Se, por um lado, a escrita de biografias apresenta po-

tencialidades, inclusive para a reflexão teórica (Avelar, 2010), apresenta igualmente tensões, de caráter empírico, ético e metodológico.

Acedendo ao desafio biográfico, objetivamos, no presente artigo, apresentar notações acerca da trajetória formativa e intelectual de uma importante – ainda que relativamente pouco conhecida no Brasil – historiadora francesa do século XX. Aos modernistas, dedicados ao estudo da Revolução Francesa, e aos especialistas em historiografia e História da Educação, o nome de Mona Ozouf é certamente conhecido pela relevância de sua contribuição. Nossa intenção, porém, não se fundamenta nos temas aos quais se dedicou. Antes, ao acompanhar meandros do seu percurso intelectual, intentamos pensar as imbricações entre experiência formativa e produção intelectual dentro do tempo no qual ambas se alocam.

Atentar à trajetória intelectual de Mona Ozouf não implica a busca por uma narrativa contínua, coerente e totalizante, cujos riscos e insuficiências já foram apontados por Pierre Bourdieu como ilusão biográfica (2005), obra publicada pela primeira vez em 1996. Nosso olhar não está voltado ao percurso em si, mas ao que ele nos permite observar a respeito da produção de narrativas, das questões históricas e historiográficas do século XX e, particularmente, das margens de liberdade e possibilidades de atuação de uma mulher dedicada ao trabalho intelectual nesse mesmo período. Tal trajetória nos possibilita, igualmente, perceber a presença de memórias e experiências na delimitação, as vezes voluntárias, as vezes não, de determinadas escolhas. Tal elemento torna-se de interesse não por implicar explicações e atribuição de sentidos objetivos, mas, justamente, por alertar-nos para a presença de elementos, que são intangíveis, fugidios e ilógicos e que, ainda assim, podem ser definidores no curso de uma existência.

Tais acontecimentos são aqui ressaltados na medida em que inscrevem marcas e possibilitam experiência. Não determinam uma reflexão, mas auxiliam a conformá-la. Em *Composition Française: retour sur une enfance bretonne* (Ozouf, 2009) essas relações tornam-se evidentes, ao passo que a autora, ao descrever suas memórias de infância, problematiza aspectos do processo de constituição de uma identidade nacional, e especificamente, de como esta conforma sua identificação pessoal. Através dessa escrita de si, Ozouf remete-nos aos tempos de uma infância perpassada por conflitos identitários e pela presença da Escola como instituição responsável por, na medida do possível, canalizá-los e apaziguá-los. A partir de vivências particulares, Ozouf apresenta-nos detalhes menos evidentes de arranjos sociais que marcaram profundamente o século XX francês.

A trajetória intelectual de Mona Ozouf impele-nos, ainda, a pensar sobre o ofício do historiador e as condições de possibilidade da escrita da história no tempo presente. Isso porque ainda que a autora não tenha se dedicado a pensar especificamente sobre o século XX, sua obra traz consigo a marca de fluxos temporais – em termos culturais, políticos e sociais –, os quais conformam aquilo que convençamos chamar tempo presente (Sirinelli, 2013).

Formação e sociabilidades²

Mona Ozouf nasceu Mona Sohier no ano de 1931, em Plouvino, na Côte-du-Nord –atual-

2 A trajetória aqui apresentada é composta através da análise de obras diversas publicadas por Ozouf ao longo dos anos, e de uma série de entrevistas disponibilizadas através do documentário *Mona Ozouf: femme des lumières*, produzido em 2011 por Anne Schchman e dirigido por Juliet Senik. Informações disponíveis em: <http://www.france5.fr/et-vous/France-5-et-vous/Les-programmes/LE-MAG-N-1-2012/articles/p-14794-Mona-Ozouf-femme-des-Lumieres.htm>. Acesso em: 21 jun. 2016.

mente Côtes-d'Armor – ao norte da Bretanha, na França. A Bretanha, região administrativa localizada a oeste da França e anexada em 1532, possui uma história combativa e singular, bastante presente ainda hoje através dos nomes que batizam cidades, praças e monumentos assim como dos movimentos pela difusão da cultura celta e bretã, entre outros aspectos. Manteve-se independente em termos legais e financeiros até a Revolução Francesa. No século XIX, a partir do projeto de construção de unidade nacional, os dialetos falados na Bretanha – o bretão e o *gallo* – foram quase que suplantados pela língua francesa, característica do Estado Nacional que se fortalecia. Tais conflitos linguísticos foram fortemente vivenciados por Mona Ozouf em sua infância e, de alguma maneira, fazem-se presentes em suas reflexões.

Em *Composition Française* (2009), Mona Ozouf apresenta sua avó materna como a personificação da Bretanha. Mulher forte e decidida, falava melhor o bretão que o francês e aprendeu a ler e escrever apenas aos 23 ou 24 anos, para dedicar-se autonomamente às cartas trocadas com o marido. A mesma avó tomara a decisão de matricular sua filha (a mãe de Mona) em uma escola laica e não no colégio tradicional de religiosas, como era costumeiro na época – fator determinante para a formação de Mona Ozouf – e ficara responsável pela estruturação do lar da jovem Mona, quando da morte de seu pai e acometimento de forte depressão em sua mãe. Educada e fortemente marcada pelo exemplo de duas mulheres, Mona Ozouf afirma que aprendeu cedo a importância de reger sua própria vida, sem esperar pela tutela de um homem. A garantia de independência e liberdade pessoal foram princípios que nortearam sua educação. É na convivência intensa com a avó e a mãe que encontra a exemplificação daquela que considera a melhor definição para a sua maneira de ser

feminista. Tomando de empréstimo o conceito cunhado por Jules Renard³, afirma que ser feminista é não acreditar no príncipe encantado.

É válido ressaltar aqui nosso exercício em organizar uma narrativa a respeito da autora a partir daquilo que é tematizado por ela, seja em seus textos de cunho autobiográfico, seja em sua contribuição acadêmica. Acreditamos, e este é um dos argumentos aqui apresentados, que tais temas explicitam, ainda que nem sempre de forma objetiva e intencional, reverberações biográficas.

Em relação ao pai, falecido quando a então Mona Sohier contava apenas 4 anos, a autora ressalta a sua forte e inusitada presença durante os anos de infância e juventude. Chama de “cena primitiva” o momento em que se despediu do pai, no leito de morte, e afirma ser essa a primeira lembrança efetiva de sua infância, marcada a partir de então por um sentimento de medo em relação à efemeridade da vida. Apesar da morte precoce, Mona Ozouf afirma que a figura do pai sempre foi presente, seja através das fotografias espalhadas pela casa ou pelas expressões de repreensão costumeiras nos anos de sua juventude: “se teu pai estivesse aqui” ou “se teu pai pudesse te ver”, eram exclamações recorrentes, que o tornavam, através de uma ausência absolutamente presente, figura estruturante na formação de Mona.

É importante referendar o fato de que tanto o pai quanto a mãe de Mona Ozouf foram professores de escola primária e que seu pai desempenhou importante militância em nome da manutenção da cultura e, especialmente, da língua bretã. Questionada sobre tal militância, considera-a improvável e afirma não ter argumentos definitivos para explicá-la. Considera seu pai um personagem marcado por contradições uma vez que, politicamente alinhado

3 Jules Renard foi um escritor francês, membro da Academia Goncourt, que viveu entre 1864 e 1910.

às ideologias de esquerda, empenhava-se em forças conservadoras no que dizia respeito à língua e cultura bretã. Era laico, porém bastante próximo ao padre da localidade, com o qual partilhava a militância. Era um libertário, ainda que admirador de Lênin e de uma política acolhedora e estatal em relação aos menos favorecidos. Ainda que tais posicionamentos nos causem hoje certo estranhamento, é preciso ressaltar que as redes de sociabilidades – diversas e distintas –, além do caráter fracionado e múltiplo dos sujeitos, devem ser considerados na composição de estudos de caráter biográfico. Segundo Bourdieu (1996, p. 190):

[...] não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrola e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Conforme anunciamos anteriormente, as memórias de infância de Mona Ozouf são marcáveis no exercício de leitura de sua obra. Os anos escolares praticamente definem uma das temáticas para a qual seu empenho acadêmico esteve fortemente direcionado. Filha de professores, praticamente morava na escola em que estudava. O colégio e a casa eram as referências e espaços de constituição de sentidos durante sua infância, sendo a casa representativa de uma criação voltada às particularidades e localismos da cultura bretã e a escola, no seguimento ao modelo republicano que se instaurava, ao universal, a um governo centralizador no que se referia aos aspectos culturais e linguísticos. Na escola, não havia espaço para as particularidades, tão caras à sua família, em seu cotidiano.

Através de seus estudos sobre a escola republicana (Ozouf, 1984, 1989b, 2005a), muitos realizados ao lado de seu esposo, o também

historiador Jacques Ozouf, afirma que os manuais e legislações que regiam a escola republicana a partir do século XIX ressaltavam a necessidade de se considerar as diversidades, desde que essas fossem geográficas e não linguísticas. No caso da Bretanha, exaltava-se o exuberante litoral ao mesmo tempo em que se omitiam aspectos culturais daqueles cuja vida constituía-se nesse mesmo litoral. Mona Ozouf resalta que enquanto na escola aprendera que todos eram filhos da França; em casa, tal máxima era considerada traição. Narra a escola como um espaço de igualdade, onde se sentia segura pois, teoricamente, todos eram/deveriam ser iguais. Tal segurança, constituída pela certeza de que as coisas aprendidas não poderiam ser desaprendidas e pelas regras, que deveriam ser sempre respeitadas, era reconfortante para uma criança cuja infância fora marcada pelo medo e pela perda.

À juventude bretã, vivenciada sempre nesse deambular entre particularidade e universalismo, sucedeu-se o ingresso na Escola Normal Superior, sua agregação em Filosofia, sua filiação e desfiliação ao Partido Comunista Francês. Nesse ínterim, vários foram os autores e professores que se fizeram presentes no desenvolvimento de suas reflexões. Henri Gouthier, filósofo, historiador e crítico de teatro foi o orientador⁴ de seu trabalho sobre Descartes, durante a agregação de filosofia. Outro professor que a marcou profundamente foi Gaston Bachelard, que de certa forma previu seu interesse pela memória como objeto de análise, ao propor-lhe como tema de pesquisa a questão do “signo e símbolo”. A respeito deste, além da competência intelectual, Ozouf rememora os chás partilhados na residência de Bachelard, o pequeno apartamento submerso pelos livros, no qual mal se podia andar, e o interesse do professor pela poesia. No âmbito da literatura,

⁴ Em francês, *director de recherche*.

Ozouf ressalta a influência exercida pelo autor norte-americano (naturalizado britânico) Henry James, em especial através do livro *Retrato de uma senhora*. Ozouf chegou a escrever um livro sobre James, sendo este, curiosamente, o livro pelo qual sente mais apreço, ainda que não tenha obtido sucesso algum (Ozouf, 1998).

Os quatro anos em que fora filiada ao partido comunista (1952-1956) exerceram igualmente influência sobre sua reflexão e possibilitaram o estreitamento de laços remarcáveis. Ao narrar seu engajamento, Ozouf opõe os sonhos da juventude à percepção de práticas repressoras, as quais motivaram sua saída do partido⁵. Após sua desvinculação, exercida também pelos seus companheiros mais próximos, passa a interessar-se pelas condições que impulsionavam a prática do desencajamento. O entusiasmo com o qual ingressara no partido pode ser percebido pela forma como narra a disciplina daquela que se tornara amiga, exemplo de militante e intelectual comunista, Annie Kriegel (na época Annie Besse):

Quando as jovens comunistas entravam na Escola Normal Superior de moças, nos anos cinquenta, uma imagem imperiosa lhes esperava na soleira: aquela de uma 'antiga' que havia imposto sobre o gramado semeado de junquinhos dessa beguinaria, a cadência de usina dos três-oito: oito horas para o Partido, oito horas para a agregação, oito horas para necessidades diversas, do corpo e do coração. Esta perfeição de vitral parecia inatingível e o nome da santa, Annie Besse, não o esqueceríamos mais (Ozouf, 2011, p. 598, tradução nossa)⁶.

5 Mona Ozouf desvinculou-se do Partido Comunista francês logo após a repressão soviética aos movimentos de contestação na Hungria, em 1956.

6 "Quand les jeunes communistes entraient à l'École normale supérieure de jeunes filles, dans les années cinquante, une image impérieuse les attendait au seuil: celle d'une 'ancienne' qui avait imposé, sur le gazon piqueté de jonquilles de ce béguinage, la cadence usinière des trois-huit: huit heures pour le Parti, huit heures pour l'agrégation, huit heures pour les besoins en vrac, du corps et du coeur. Cette perfection de vitrail paraissait hors d'atteinte et le nom de la sainte, Annie Besse, on ne l'oublierait plus".

Tais experiências de juventude foram sobrepujadas pelo desencantamento, sendo que, quando de seu desencajamento, a resposta perseguida era como explicar a resistência de uma ideologia perante a evidência de uma realidade (Riglet, 2011). A revelia das decepções partidárias, os anos comunistas foram marcados pela companhia de intelectuais como Annie Kriegel, Emmanuel La Roy Ladurie e François Furet, com o qual compôs parte importante de suas reflexões sobre a Revolução Francesa.

Ao pensarmos em termos historiográficos, podemos situar Mona Ozouf e seus trabalhos sobre a Revolução Francesa (escritos em parte com François Furet) e a Escola Republicana (escritos em parte com Jacques Ozouf) no que se convencionou chamar de terceira geração da Escola dos Annales.

Mona Ozouf, assim como seus companheiros de partido e profissão, especialmente após a obtenção de um cargo no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), foi tributária de Fernand Braudel. Essa geração participou, em certa medida, daquilo que Peter Burke (1997) considera uma renovação dos Annales. Tal renovação se caracterizaria por mudanças intelectuais ocorridas através da incorporação de novos temas e ferramentas de análise, dentre os quais citamos a infância, o corpo e a possibilidade de um diálogo cada vez mais estreito com a sociologia, antropologia e outros campos de conhecimento. É importante ressaltar que a percepção de Burke não é homogênea. A institucionalização dos Annales foi meticulosamente analisada por François Dosse, que apresenta uma versão menos romântica do movimento. Vê a aproximação com outros campos de conhecimento de forma menos otimista, salientando uma sorte de descaracterização da história-problema diante a emergência de uma história-antropológica (Dosse, 1992). Apesar dos debates, entre os historiadores partí-

cipes do movimento nesse contexto particular, podemos destacar: Arlette Farge, Michelle Perrot, Georges Duby, Philippe Ariés, François Furet, Jacques Ozouf e Mona Ozouf, entre outros⁷.

A atenção aos fenômenos culturais, extremamente presente nos trabalhos de Mona Ozouf, pode ser pensada também a partir desse contexto, na medida em que, entre os historiadores cuja influência sobre sua geração foi considerável, encontramos Alphonse Dupront com reflexões voltadas ao estabelecimento de relações entre a história da religião e a sociologia, psicologia e antropologia (Burke, 1997, p. 84).

Com Jacques Ozouf, Mona partilhou o interesse pelas questões concernentes à escola – novamente, a escola – no século XIX. Jacques Ozouf vinha, nesse momento, de uma ampla pesquisa realizada com François Furet na qual utilizaram fontes variadas e dados quantitativos os quais permitiram perceber correlações e diferenças nos processos de alfabetização ocorridos em diferentes regiões da França entre o século XVI e o XIX. Já com Furet, dedicou-se a analisar a Revolução Francesa, não descartando a importância dos aspectos políticos e sociais, porém ampliando a análise para elementos culturais. É justamente o trabalho sobre a Revolução Francesa que coloca em destaque, pela primeira vez, a produção historiográfica de Mona Ozouf.

Conforme anteriormente anunciado, as experiências de infância e juventude, assim como as redes estabelecidas no preâmbulo de sua idade adulta não explicam de forma cristalina as escolhas temáticas que marcaram a produção intelectual de Mona Ozouf. Por outro lado, é preciso ressaltar que essas mesmas ex-

periências certamente podem ser lidas como processos de abertura, os quais tornaram possíveis a existência de escolhas. A experiência, assim, está sendo aqui compreendida, inspirada nas elaborações de Jorge Larrosa, como a possibilidade de que algo aconteça. Conforme o autor, o sujeito da experiência pode ser compreendido como “[...] uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (Larrosa, 2016, p. 25).

Produção intelectual: o deambulo entre Revolução e República

Desde a primeira publicação, os interesses acadêmicos de Mona Ozouf podem ser situados entre a Revolução Francesa e a institucionalização da Escola Republicana, não como objetos isolados, mas inter-relacionáveis. A atenção de Ozouf não se restringe, porém, a essas temáticas, sendo permeada também pela questão da condição feminina e da literatura. É, todavia, sobre a temática da Revolução Francesa que a autora desenvolve uma linha interpretativa extremamente original. Harvey Chisick, em artigo sobre Mona Ozouf e seu trabalho, afirma que, no que se refere ao tratamento revisionista da Revolução Francesa, a obra mais influente e determinante dessas novas perspectivas é o *Dictionnaire Critique de la Révolution Française*, escrito e organizado com a colaboração de François Furet para as comemorações do bicentenário da revolução, em 1989 (Chisick, 2010, p. 461).

Nas décadas de 1960 e 1970, a historiografia sobre a Revolução Francesa era quase que exclusivamente pautada por reflexões de ordem política e social. Nesse sentido, a originalidade do trabalho de Ozouf a respeito da Revolução Francesa foi, sem refutar a importância política e social, considerar aspectos cultu-

⁷ Devemos lembrar que Mona Ozouf não é historiadora de formação, uma vez que sua agregação acadêmica foi realizada em filosofia. A aproximação a Jacques Ozouf, François Furet e as relações estabelecidas no CNRS ajudam-nos a compreender o vívido interesse e dedicação ao trabalho historiográfico.

rais, pautados por perspectivas antropológica e filosófica, advindas, tanto da sua agregação em filosofia quanto do efervescente ambiente acadêmico que vivenciava. Ao propor a Revolução como um fenômeno cultural e não apenas como a expressão de um conflito, Ozouf retoma os trabalhos de Jules Michelet, Edgar Quinet e Alexis de Tocqueville, os quais estavam relativamente em desuso, tecendo-lhes extensas considerações.

Sua atenção volta-se às festividades revolucionárias, ressaltando aspectos de representação simbólica, funções políticas e culturais. Justifica sua opção na medida em que as festividades representavam uma incorporação dos princípios e ideais que moldaram a Revolução Francesa. Elas acabavam assumindo uma função pedagógica na medida em que ressaltavam, repetidamente, as características do novo regime. Em *La Fête Révolutionnaire*, após discussão cronológica e historiográfica, lança-se às narrativas temáticas concernentes às problemáticas do tempo, espaço, pedagogia, participação popular e mesmo sacralidade. (Ozouf, 1976) Sua intenção primeira é analisar o festival como representação simbólica, ressaltando sua funcionalidade ideológica e suas contradições. Para Ozouf, a possibilidade de pensar as festividades como um objeto de atenção histórica deve-se às instigantes provocações do folclore e da etnologia, especialmente no que se refere à consideração dos sentidos que a ritualização atribui à existência humana. Dessa forma, as festividades da Revolução Francesa celebravam um tempo regenerável, reatualizado efusivamente pela comoção revolucionária. Mais do que ensinar a Revolução para aqueles que não a vivenciaram, as festas tinham a potencialidade, além de renovar uma emoção, de fixar uma narrativa. Segundo Harvey Chisick, *La Fête Révolutionnaire* é o texto fundador da abordagem revisionista proposta por Ozouf (Chisick, 2010).

Entre os conceitos utilizados por Ozouf na análise da Revolução, a ideia de sacralidade pode ser considerada uma categoria chave, tomada em seus aspectos sociológicos e antropológicos. Tal questão fora abordada também no texto “A festa sob a Revolução Francesa”, publicado pela primeira vez em 1974 na edição francesa da coleção *História: novos objetos, novas abordagens, novos problemas*, sob a direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora. O sagrado, para Ozouf, é tomado como uma força unificadora e centralizadora essencial na tentativa de superar as rupturas efetivadas pelo movimento revolucionário. Por mais inusitado que possa parecer a utilização da ideia de sacralidade justamente em um movimento que proclamava a laicidade do Estado, para Ozouf, assim como a Revolução, a festa constituía-se em uma forma de religião que desconhecia a si própria. Sendo assim, a festa nascera como uma criação imperativa e quiçá instintiva, na medida em que a sociedade, buscando sua institucionalização, necessitava sacralizar seu ato original (Ozouf, 1989, p. 216-232). Ao discutir algumas abordagens das festividades a partir da perspectiva da sacralidade, Ozouf busca em Durkheim traços semelhantes entre a religião e a festa, entre os quais pontua a existência de uma coletividade celebrante, a unanimidade, a independência com respeito aos indivíduos e a coerção. Ainda que ressalte a ausência, nessas interpretações, da percepção e análise da necessidade coletiva, Ozouf apropria-se de Durkheim ao afirmar que “a revolução instituiu todo um sistema de festas para manter num estado de perpétua juventude os princípios nos quais se inspirava” (OZOUF, 1989, p. 223).

Adotando categorias e elaborando análises diametralmente diferentes daquelas propostas por historiadores preocupados com as questões políticas e sociais da Revolução, Ozouf é bastante crítica à Revolução e às forças que a engendraram. Ozouf e Furet, a partir

de um posicionamento relativamente liberal, defendem a ideia de que a esfera social atua (e deve atuar) autonomamente e que os membros das assembleias tentaram, ao longo do movimento revolucionário, impor utopias através do uso da violência. A violência e o medo eram elementos fortemente retratados nas festividades revolucionárias. De acordo com a análise de Chisick (2010, p. 466, tradução nossa), “o uso da força para implementar programas abstratos e mudar consensos através de longos processos evolutivos, estavam fadados a acabar mal, não importando o quão bem intencionados ou idealistas os coerçores poderiam ter sido”⁸.

A partir de tais considerações, podemos afirmar que dentre as grandes contribuições de Ozouf, ao lado de Furet, na análise da Revolução Francesa, está a observação dos aspectos mais abstratos, como alternativas às interpretações sociopolíticas. Segundo Chisick, lucrou-se com uma apreciação das dimensões culturais e intelectuais da Revolução, as quais eram anteriormente negligenciadas, possibilitando assim reflexões mais complexas do evento analisado. O sucesso das análises de Ozouf em *La Fête Révolutionnaire* pode ser percebido tanto através das críticas bastante positivas, as quais ressaltavam o caráter inventivo da proposta, quanto através das vendas, sendo que, em 1989, o livro já havia vendido 22 mil cópias, apenas na França (Chisick, 2010, p. 467).

O interesse de Mona Ozouf em aspectos concernentes à Revolução Francesa não se encerrou com a elaboração de *La Fête* e do *Dictionnaire*, anteriormente citados. Do contrário, a autora, ao longo da década de 1980 e 1990, ampliou seu foco de análise para além

da questão dos festivais, atentando a partir de então para a problemática da educação e da formação de uma identidade francesa.

Ao lado de seu marido, Jacques Ozouf, e com a colaboração de Véronique Aubert e Claire Steindecker, Mona Ozouf lança, em 1989, *La République des Instituteurs* (Ozouf, 1989b). Esta configura-se como uma importante obra sobre a educação primária durante a Terceira República⁹ tanto em termos de análise histórica quanto análise metodológica. Formado a partir de biografias, o livro nos apresenta um retrato bastante diverso das práticas sociais dos professores primários na França, durante a época proposta. A análise parte da observação das reformas implementadas por Jules Ferry, as quais preconizavam a criação da escola laica republicana como lugar de integração nacional e formação do cidadão definido a partir da Revolução Francesa (Ozouf, 2005a). Lembremos aqui que esse modelo de escola, regulamentado por Jules Ferry, é o mesmo presente nas lembranças de infância de Mona Ozouf e que a questão da integração nacional é também um elemento bastante significativo, uma vez que remonta à luta de seu pai pela língua bretã e mesmo ao regionalismo vivenciado em sua casa e personificado por sua avó.

Em termos de análise histórica, o interesse da obra situa-se na institucionalização do papel do professor primário/professora primária a partir do momento em que o magistério de características religiosas é substituído pelo elogio e incentivo ao livre exercício da razão. É importante ressaltar que a recusa a uma educação de tradição religiosa não implica na recusa do sentimento religioso. O papel dos professores seria, dessa forma, o de dissociar os conteúdos ministrados e os encaminhamentos sociomoraes dos dogmas religiosos que anteriormente se faziam presentes no processo educativo. Tal prerrogativa

8 “the use of force to implement abstract programs and to change consensuses arrived at through long evolutionary processes was bound to end badly, no matter how well intentioned or idealistic the coerchers might have been”.

9 Período compreendido entre 1870 e 1940.

contrariava assim o modelo, segundo o qual a função do professor para com seu aluno era a de “[...] o reerguer, de fazê-lo reflorescer e de lhe imprimir sua primeira direção e sua ascensão em direção aos Céus”¹⁰ (Junqua, 1845, p. 59). Podemos afirmar que a função primeira dos professores no período republicano era, então, o de favorecer a emergência de uma consciência cívica autônoma.

Sendo assim, os professores estavam eticamente ligados à implementação do estado laico e, por consequência, à manutenção da própria República. A escola francesa assumia então funções visivelmente políticas. Ainda que o objetivo declarado desse modelo tenha sido o da integração nacional, os autores ressaltam que a missão dos professores não se desenvolveu de maneira uniforme pelo território, sendo que a autonomia exercida no desempenho de suas funções era curiosamente determinada, e eis uma contradição, pelas situações locais donde suas funções eram desempenhadas. A consideração das especificidades tornava-se, dessa forma, determinante para o projeto de integração. Sobre a questão da integração, Mona Ozouf esclarece que, para além das particularidades locais, a grande contribuição de Ferry e sua reforma foi incentivá-la através do estudo da história e da criação de uma memória histórica capaz de reconciliar tanto os partidários quanto os opositores das transformações engendradas a partir da Revolução de 1789.

Escrito a partir de depoimentos coletados por meio de questionários, dirigidos por Jacques Ozouf entre 1961 e 1964, com professores primários franceses cujo exercício da profissão ocorrera antes de 1914, *La République des Instituteurs* merece também considerações metodológicas. A primeira diz respeito justamente à utilização de questionários para a realização

10 “[...] il s’agit de le relever, de le faire refleurir, et de lui réimprimer sa première direction, et son ascension vers les Cieux”.

das entrevistas. Os questionários, enviados a mais de 20 mil professores, obtiveram em torno de 4 mil respostas. O resultado, considerado positivo, é explicado por Yves Déloye a partir de dois fatores principais. Em primeiro lugar, os homens e mulheres entrevistados apresentavam uma familiaridade com a escrita bem maior que outros grupos sociais, o que facilitou o desenvolvimento e a predisposição em fornecer respostas. Um segundo elemento, e para nós, o de maior interesse, é o fato de os professores primários apresentarem uma preocupação manifesta por sua própria história e seu papel na sociedade francesa. É importante considerar também que a proximidade de Jacques Ozouf e Mona Ozouf com os entrevistados – em função de suas formações e atuações profissionais – possibilitaram a criação de uma comunidade de sentidos, onde os entrevistados acabavam envolvidos pelos objetivos da pesquisa. Tal consideração torna-se importante uma vez que os entrevistados não se restringiram apenas ao que fora perguntado, mas participavam ativamente da composição do questionário, inquirindo sobre as perguntas, criticando formulações ou mesmo sugerindo tópicos de discussão. Segundo Déloye (1993, p. 343, tradução nossa), “o conjunto destes fatores explica, por outro lado, a precisão das respostas obtidas como a qualidade dos comentários que as acompanhavam”¹¹.

Muito além de apenas responder aos questionários, os entrevistados acabavam complementando-os, compondo verdadeiras histórias de vida e validando seus escritos com fotos, documentos e cadernos, enriquecendo dessa forma o acervo coletado. O conjunto dessas autobiografias agrupadas e documentadas foi cuidadosamente tratado pelos autores que, longe de analisar os depoimentos como casos isolados, procuraram relacionar os relatos a

11 “l’ensemble de ces facteurs expliquent, par ailleurs, la précision des réponses obtenues comme la qualité des commentaires qui les accompagnent”.

partir de um contexto comum, formando blocos narrativos sobre temáticas diversas como lutas escolares, reformas, engajamento político etc. Vale ressaltar que, além do trabalho com os depoimentos e documentos, os autores foram bastante atentos aos silêncios em determinadas respostas, compreendendo-os também como passíveis de interpretação.

É correto afirmar que a contribuição historiográfica de Mona Ozouf se situa amplamente nas questões referentes à Revolução Francesa e à Escola Republicana. Ao observarmos sua produção bibliográfica, constatamos a maioria massiva de publicações sobre esses dois temas. Especificamente sobre Revolução Francesa, além de *La fête révolutionnaire* e o *Dictionnaire critique de la Révolution française*, publicado em quatro volumes, encontramos *L'Homme régénéré: essai sur la Révolution française*, publicado em 1989; *La Gironde et les Girondins*, de 1991; *Une autre République*, publicado em 2004; *Varennes: La mort de la royauté*, de 2005. O interesse pela escola republicana pode ser observado em *L'École, l'Église et la République*, de 1962, *L'École de la France: essai sur la Révolution, l'utopie et l'enseignement*, publicado em 1984, *La République des instituteurs*, de 1989 e *Jules Ferry*, de 2005.

Tal constatação, por outro lado, não restringe a contribuição da autora, posto que outros temas também foram abordados em livros, artigos, palestras e entrevistas. Entre estes, referenciaremos dois bastante fortemente ancorados nos anos de infância e juventude, conforme relatado por Mona Ozouf: a literatura e os estudos feministas.

O mundo dos livros e o feminismo à francesa

Além do amplo trabalho no campo da história, Mona Ozouf contribuiu durante quase 40 anos com o jornal *Le Nouvel Observateur* por meio

da publicação de críticas literárias. O conjunto desses artigos foram agrupados e publicados em 2011 sob o título *La cause des livres*. Assim como os temas de seu trabalho historiográfico, os livros selecionados por Ozouf são bastante representativos de suas próprias experiências pessoais. Nas palavras da autora, “os artigos do *Nouvel Observateur* têm algo a dizer de meus engajamentos e meus gostos profundos”¹² (Ozouf, 2011, p. 12, tradução nossa) Nesse sentido, ao buscar esclarecer seu gosto pela leitura e pela literatura, encontra a resposta em suas memórias de infância, uma vez que a leitura acabava por ser o recurso para os momentos de tédio e solidão. O gosto precoce pelos livros não explica, porém, sua predileção por determinados gêneros, autores e obras, como por exemplo, o apreço pelas correspondências e por Henry James. Suas escolhas estão, porém, enraizadas em seus anos de militância juvenil no partido comunista. Anos esses que, ainda que breves, foram determinantes no sentido de, em primeiro lugar, despertar seu interesse pela possibilidade de transformação social e, em um segundo momento, descortinar certa decepção perante a percepção de que ideias poderiam ser muito mais falaciosas e opressoras que libertárias. Segundo Ozouf, todos os artigos escritos para o *Nouvel Observateur* são marcados, sutil ou visivelmente, por sua desilusão com o partido comunista francês.

Ao observarmos as escolhas literárias de Mona Ozouf, suas afirmações acerca da infância e juventude tornam-se mais claras. A Revolução Francesa não foi apenas uma preocupação historiográfica, uma vez que muitos dos livros analisados pela autora abordam essa temática. Para Ozouf, o vívido interesse pela Revolução pode ser compreendido pelas perplexidades de sua juventude na medida em que,

¹² “[...] les articles du *Nouvel Observateur* ont donc quelque chose à dire de mes attaches et de mes goûts profonds”.

tanto na Revolução quanto no engajamento militante, a autora afirma que o júbilo dos primeiros dias se transforma, com o passar dos tempos, em medo. Sua experiência singular na militância é também a chave explicativa ofertada pela autora para esclarecer sua propensão à análise de livros sobre mulheres. Ainda que a relação não seja marcada pela obviedade, Ozouf, a respeito das mulheres, afirma que “a torrencial literatura que lhes foi consagrada, nestes últimos tempos, fala mais comumente de determinismo que de liberdade”¹³ (OZOUF, 2011, p. 15, tradução nossa)

Em se tratando de gêneros literários, a autora assume predileção pela leitura de correspondências e pela possibilidade proporcionada de conhecer as confidências e perplexidades de cada autor. Ozouf sente-se seduzida pelas contrariedades encontradas na leitura de missivas. Em entrevista ao jornal *L'Express*, afirma que

a correspondência é um gênero menos endomingado que as Memórias. Com as memórias encontramos uma recomposição da existência, pouco a pouco, *retocamos a maquiagem*, pensamos para a posteridade. Nas correspondências, pensamos na pessoa que escreve. Há um lado desvolto, desembaraçado, descosturado que me agrada muito ¹⁴ (Riglet, 2011, grifo nosso).

São as contrariedades também que a interessam no que se refere aos textos literários que tratam das questões geográficas e iden-

titárias concernentes à França, afirmando que eles auxiliam a perceber a impossibilidade, no aspecto identitário, de existir uma essência nacional única e atemporal.

É por meio da literatura que a autora nos possibilita perceber seus posicionamentos em relação ao feminino e ao feminismo. Assim como toda a sua formação e as análises realizadas sobre a Revolução Francesa e a Escola Republicana, a perspectiva de Mona Ozouf é também marcada pela noção de particularidade. Este *feminismo à francesa* é considerado controverso por grande parte de militantes feministas e mesmo por aquelas e aqueles que se dedicam aos estudos de gênero. Algumas das características controversas desse feminismo de Mona Ozouf podem ser percebidas no texto “*Galanterie française*”, publicado originalmente em 2006 no *Nouvel Observator*, sobre o livro homônimo de Claude Habib. Ozouf introduz o texto anunciando a galantaria como um comércio singular entre homens e mulheres que precisa ser melhor definido. Tal empreitada acarreta riscos, segundo a autora, uma vez que “[...] defender hoje, ou simplesmente compreender, as maneiras galantes, é se ver carregada de mil pecados”¹⁵ (Ozouf, 2011, p. 391, tradução nossa)

Na tentativa de definir a galantaria, Ozouf a situa entre os séculos XVII e XVIII, conformada entre o preciosismo e a libertinagem, a magia das palavras e o gosto pelo prazer, desde que partilhados. Tributária dos romances de cavalaria e da prática do amor cortês, a galantaria, sistematizada através da teoria da sedução, apela a uma tradição literária e artística, características da nobreza francesa. Ozouf discorda da percepção de que a galantaria seria uma afirmação da desigualdade de gêneros na medida em que ela outorgaria às mulheres a

13 “La torrentielle littérature qui leur a été consacrée, ces derniers temps, parle plus communément de déterminisme que de liberté”.

14 “La correspondance est un genre moins endimanché que les Mémoires. Avec les Mémoires, on trouve une reconstitution de l'existence, peu ou prou, *on se redonne un coup de peigne*, on pense à la postérité. Dans les correspondances, on pense à la personne à qui on écrit. Il y a un côté désinvolte, dégagé, décousu, qui me plaît beaucoup”. (grifos meus - A expressão *on se redonne un coup de peigne* remete a uma imagem metafórica, cuja ideia é o embelezamento da realidade. A tradução literal é *nos penteamos novamente*, porém aqui, privilegiamos a utilização de uma expressão usual no Brasil, com sentido similar)

15 “[...] défendre aujourd'hui, ou simplement comprendre, les manières galantes, c'est se voir chargé de mille péchés”.

soberania do consentimento amoroso e instauraria entre homens e mulheres uma relação marcada pela delicadeza. Ozouf apresenta a ideia de uma inversão de papéis, “[...] a transformar imaginariamente o forte em fraco e o fraco em forte”¹⁶ (Ozouf, 2011, p. 392, tradução nossa)

Tal perspectiva é, no entanto, fortemente criticada. Joan Scott afirma que perceber a sedução como uma arte e uma singularidade francesa é o mesmo que sacralizar a diferença de sexos em nome de um projeto nacional. A ideia de sedução como modelo de relação entre os sexos que possibilitaria a vivência feliz das diferenças mascara, segundo Scott, a existência de relações de poder entre homens e mulheres (SCOTT, 2012) A crítica à ideia de singularidade francesa é oriunda também do título do livro de Mona Ozouf, publicado em 1995, *Le mot des femmes: essai sur la singularité française*. Neste, Ozouf elege dez mulheres na tentativa de ilustrar a dimensão diacrônica da condição feminina entre os séculos XVIII e XX. Guiada pelo interesse em “ouvir” a palavra individual feminina, observa, nas mulheres estudadas, as palavras encontradas para falar de si e da situação das mulheres de uma forma geral, ressaltando sempre os elementos de originalidade em cada uma delas. É mediante o estudo desses casos específicos que Ozouf elabora sua reflexão sobre o feminismo na atualidade. Segundo Gabrielle Houbre, Ozouf opõe um modelo feminista francês, cuja singularidade expressa-se através de práticas relativamente serenas a um modelo anglo-saxão, mais beligerante e culpado – em sua vertente mais radical – por pregar a guerra dos sexos desmedidamente (Houbre, 1995). Em vertente oposta, pode-se afirmar que, ao exaltar elementos de uma singularidade francesa em termos de feminismo, a partir de estudos de

caso bastante particulares e de mulheres que pertenciam a um grupo social relativamente abastado, Ozouf incorre em uma naturalização de papéis sociais e opacidade de relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres.

Considerações finais

Ainda que talvez possamos considerar frágeis as percepções de Mona Ozouf acerca do feminino e do feminismo, não é possível desconsiderar a relevância dessa historiadora na historiografia francesa do século XX. Philip Daileader e Philip Whalen, ao selecionar autores para a composição da obra *French Historians (1900-2000)*, elencam apenas duas mulheres, dentre as quais encontramos Michelle Perrot e Mona Ozouf (Daileader, 2010). Sua fala eloquente e sua escrita erudita e elegante parecem querer incorporar as características que a autora, controversamente, atribui ao feminino.

Conforme buscamos apresentar, por meio de suas escolhas, Mona Ozouf tematiza, em certa medida, sua própria experiência. Conforme nos sugere Hervé Breton (2020, p. 13), “[...] somente a pessoa que vive a experiência de um fenômeno encontra-se capaz de dizer, a partir do seu ponto de vista e com as suas próprias palavras, sobre o que ela viveu, os efeitos que ela experienciou e os impactos experienciais e biográficos sofridos”. Tais impactos, ao que nos parece, manifestaram-se em Ozouf através de textos de cunho autobiográfico e de escolhas historiográficas.

Acompanhar sua trajetória intelectual, ainda que aqui apresentada com inúmeras lacunas e silêncios, nos possibilita cotejar o desenvolvimento de temas de pesquisa e métodos (hoje consolidados) com tensões e caminhos incertos, que, todavia, são “marcos” significativos do século XX, tais como as experiências de filiação e desfiliação ao Partido Comunista, a aproximação acadêmica da história com a

16 “[...] à transformer imaginaiement le fort en faible et le faible en fort”.

antropologia e filosofia e, certamente, o vívido debate a respeito da condição feminina. Seu trabalho reconhecidamente inovador e a abordagem a partir de conceitos não evidentes são aqui apresentados como linhas que se entrecruzam com sua formação interdisciplinar e história de vida. O resultado é um tecido multiforme, convidativo e, sobretudo, desafiador.

Referências

- AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, n. 24, p. 157-172, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2528>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-192.
- BRETON, Hervé. Investigação Narrativa: entre detalhes e duração. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 12-22, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/rep/article/view/e20201>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- DAILEADER, Philip; WHALEN, Philip. **French Historians 1900-2000: new historical writing in twentieth-century France**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- DÉLOYE, Yves. Instituteurs. **Revue Française de Science Politique**, v. 43. n. 2, 1993. Não paginado. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/456419>. Acesso em: 23 nov. 21.
- DOSSE, François. **A História em Migalhas**. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- FURET, François; OZOUF, Mona. **Dictionnaire critique de la Révolution française**. Paris: Flammarion, 1988.
- FURET, François; OZOUF, Mona. **Dictionnaire critique de la Révolution française: institutions et créations**. Paris: Flammarion, 1993a.
- FURET, François; OZOUF, Mona. **Dictionnaire critique de la Révolution française: Événements**. Paris: Flammarion, 1993b.
- FURET, François; OZOUF, Mona. **Dictionnaire critique de la Révolution française: Acteurs**. Paris: Flammarion, 1993c.
- HOUBRE, Gabrielle. Les mots de Mona Ozouf. **Clio: Femmes, Genre, Histoire**, n. 1, 1995. Não paginado. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cli/541>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- JUNQUA, Jean. **Le type de l'instituteur primaire ou la véritable mission de l'instituteur au point de vue du catholicisme**. Pau: Imp. de E. Vignancour. 1845.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1989.
- OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1989.
- OZOUF, Mona. **Composition française: retour sur une enfance bretonne**. Paris: Gallimard, 2009.
- OZOUF, Mona. **Jules Ferry**. Paris: Bayard-Centurion, 2005a.
- OZOUF, Mona. **La Cause des Livres**. Paris: Gallimard, 2011.
- OZOUF, Mona. **La Fête Révolutionnaire 1789-1799**. Paris: Gallimard, 1976.
- OZOUF, Mona. **La Gironde et les Girondins**. Paris: Payot, 1991.
- OZOUF, Mona. **La Muse démocratique: Henry James ou les pouvoirs du roman**. Paris: Calmann-Lévy, 1998.
- OZOUF, Mona. **L'École de la France: essai sur la Révolution, l'utopie et l'enseignement**. Paris: Gallimard, 1984.
- OZOUF, Mona. **L'École, l'Église et la République 1871-1914**. Paris: Armand Colin, 1962.
- OZOUF, Mona. **Les Mots des femmes: essai sur la singularité française**. Paris: Fayard, 1995.

OZOUF, Mona. **L'Homme régénéré**: essai sur la Révolution française. Paris: Gallimard, 1989a.

OZOUF, Mona. **Varenes**: La mort de la royauté. Paris: Gallimard, 2005b.

OZOUF, Mona; CORNU, Laurence. **Une autre République**: 1791 l'occasion et le destin d'une initiative républicaine. Paris: L'Harmattan, 2004.

OZOUF, Mona; OZOUF, Jacques. **La République des instituteurs**. Paris: Gallimard, 1989b.

RIGLET, Marc. Mona Ozouf: la cause des livres est menacée. **L'Express Culture**, Paris, 21 nov. 2011. Disponível em: https://www.lexpress.fr/culture/livre/mona-ozouf-la-cause-des-livres-est-menacee_1051826.html. Acesso em: 5 jan. 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. Escrever biografias no Brasil hoje: entre inovações e modelos tradicionais. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). **O Brasil em dois tempos**: história, pensamento social e tempo presente. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 205-218.

SCOTT, Joan. **De l'utilité du genre**. Paris: Fayard, 2012.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais franceses: um objeto para a história do tempo presente?. *In*: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). **O Brasil em dois tempos**: história, pensamento social e tempo presente. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 129-142.

Recebido em: 26/04/2022

Revisado em: 10/12/2023

Aprovado em: 23/12/2023

Publicado em: 31/01/2024

Caroline Jaques Cubas é doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Participa dos grupos de pesquisa: Ensino de História, Memória e Culturas e Linguagens e Identificações, ambos da Udesc e certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail*: caroljcubas@gmail.com